

## **A OPOSIÇÃO SINDICAL COMERCÍARIA DE TERESINA E O DINÂMICO PROCESSO ELEITORAL NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1980**

ELIANE APARECIDA SILVA\*

### **RESUMO:**

Este artigo analisa as memórias e experiências dos trabalhadores empregados no comércio teresinense que, durante a primeira metade dos anos 1980, articularam a formação de uma chapa de oposição sindical com o objetivo de obter a renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina através de eleições. Eles reivindicavam melhores condições de trabalho e salariais para a categoria, bem como almejaram renovar outras diretorias e fundar novos sindicatos no Piauí. No ano de 1984, as eleições para a renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários movimentaram a cidade teresinense e tiveram grande repercussão na imprensa local. Afinal, tratava-se de um dos maiores sindicatos do Estado e com grande influência sobre outros sindicatos. Diante disso, procura-se evidenciar o caráter conturbado do processo eleitoral que marcou esse período. O processo de luta pela conquista da direção do referido sindicato formou uma nova geração de militantes que, posteriormente, atuaram na diretoria e em outros cargos da entidade comerciária. Logo, a partir da eleição que deu vitória à chapa de oposição, abriu-se um período de maior movimentação no Sindicato dos Comerciários de Teresina, bem como de um trabalho de sindicalização voltado para os interesses da categoria. A diretoria eleita procurou estabelecer um novo ritmo de organização política e sindical, adotando como práticas a realização de assembleias fora da sede do sindicato, contatos com a categoria no seu local de trabalho e o planejamento de outras ações: campanhas salariais, acordos e convenções coletivas de trabalho e campanhas de sindicalização. O percurso metodológico que viabilizou esse estudo foi a metodologia/técnica da História Oral, através de depoimentos de comerciários que atuaram em cargos da direção do sindicato. Além disso, utilizou-se fontes hemerográficas, notadamente o jornal impresso de circulação local, O Dia. No que se refere ao jornal mencionado, constatou-se na pesquisa que o tom das publicações mudava no decorrer do processo eleitoral, haja vista que eram publicadas matérias elogiando uma das chapas e, nos dias seguintes, criticando o mesmo grupo. Dentro de uma perspectiva teórica, a partir das experiências dos trabalhadores comerciários de Teresina que tomaram parte nessas ações, somam-se as contribuições do historiador Edward Palmer Thompson, tendo como eixo de análise a categoria experiência.

**PALAVRAS-CHAVE:** experiências; oposição sindical; comerciários de Teresina.

Nesse texto, discute-se as experiências dos trabalhadores empregados no comércio de Teresina que formaram um grupo de oposição sindical à direção do sindicato, dando início a uma nova etapa na trajetória da organização dos comerciários. O grupo de oposição articulou a formação de uma chapa para concorrer às eleições no ano de 1984 e tomou posse no ano

---

\* UFPI, Mestre em História do Brasil, apoio Capes.

seguinte, contrapondo-se à chapa da diretoria que esteve à frente da direção da entidade por cinco gestões consecutivas.

Neste contexto, nos anos 1980, Teresina<sup>1</sup> vivenciou uma situação de miséria, com problemas relacionados ao saneamento básico, de abastecimento de água, energia elétrica e problemas de calçamento. Tal situação contrastava com o crescimento da cidade,<sup>2</sup> devido aos edifícios de grande porte construídos. Antônia Jesuíta de Lima destaca que, a partir das mudanças produzidas no espaço urbano de Teresina, ensejaram-se novos olhares e configurações sobre a cidade, que cresceu de forma desigual. Desta forma,

*o desempenho de Teresina nos anos de 1980, fruto dos ganhos e das vicissitudes da urbanização (grandes avenidas, pontes sobre o rio Poti, extensos conjuntos habitacionais para as populações de baixa renda) traz, nas suas marcas físico-espaciais, a imagem de uma cidade em expansão, num quadro de grandes contradições e conflitos sociais, com fortes traços segregadores e excludentes das populações pobres. É que nas políticas locais, restrita aos investimentos federais, tinham reduzido alcance no enfrentamento dessas questões. (LIMA, 2003: 43).*

A falta de estabilidade no emprego no cotidiano do trabalhador comerciário ocasionada pelas crescentes demissões, devido à crise que provocou o fechamento de vários estabelecimentos comerciais e outras irregularidades trabalhistas, favoreceu a precarização do trabalho no comércio teresinense. Como parte desse processo, destacavam-se as péssimas condições de trabalho vivenciadas por esses trabalhadores. Com efeito, neste estudo constatou-se que o processo de luta pela renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina formou uma nova geração de militantes que, posteriormente, atuaram na direção e em outros cargos da entidade.

---

<sup>1</sup> A cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, e com uma extensão de 1.391,981 km<sup>2</sup>, está localizada no Centro-Norte do Estado, a 366 km do litoral. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Teresina, em 2010, tinha 814.230 habitantes, apresentando densidade demográfica de 584,94 habitantes por quilômetro quadrado, destacando-se economicamente no setor de prestação de serviços. Além disso, a capital piauiense possui 260 unidades de entidades sem fins lucrativos na classificação 07, do IBGE, que inclui partidos políticos, sindicatos, associações patronais e profissionais, entre elas, portanto, o Sindicato dos Comerciários de Teresina. Ver: TERESINA, Prefeitura Municipal de Teresina. *Teresina: institucional*. Disponível em: <<http://www.teresina.pi.gov.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2014 e INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Teresina: informações completas*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=221100&search=piui|teresina>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

<sup>2</sup> O censo demográfico de 1980 indica que 538.294 pessoas moravam na cidade de Teresina. A maioria dessa população era oriunda de pequenas cidades piauienses, mas fundamentalmente da zona rural do Piauí, e também de outros estados do Nordeste. Ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. Olhares da periferia: os migrantes na construção de Teresina na década de 1970. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.1, n.2, p.122-144, jul.-dez.2009.

A partir das experiências dos trabalhadores comerciários de Teresina que tomaram parte nessas ações, cabe mencionar a compreensão teórica que E. P. Thompson faz sobre a categoria experiência<sup>3</sup>. Thompson conceitua experiência como “a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1987: 15). Para ele, não existe uma divisão entre experiência individual e experiência coletiva; a experiência sempre acontece em relação a alguma coisa, estabelecendo os meios entre os sujeitos históricos reais.

Na pesquisa realizada buscou-se, portanto, lançar luz sobre as experiências e mobilizações dos trabalhadores comerciários que vivenciaram esse momento histórico no interior do sindicato, utilizando-se de fontes orais. Para este estudo, foram tomados como foco três narrativas orais do tipo temáticas, entrevistando Abdon Moura, Evaldo Ciríaco e Caetano João de Farias Brito <sup>4</sup>, a fim de se aproximar das memórias construídas em torno das experiências destes comerciários no processo de conquista da direção do sindicato após um conturbado processo eleitoral.

A memória possui potencialidades que enriquecem o processo de análise e de reconstrução de variáveis constituintes da pesquisa histórica, tais como a reativação de emoções políticas, individuais, coletivas e rememoração de convivências e conflitos ocorridos no decorrer da História. Assim,

*[...] A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989: 7).*

Além disso, a memória constituiu-se como fonte informativa e, ao mesmo tempo, como fundamento da identidade através de um processo dinâmico e dialético, permeado por marcas do passado, indagações e necessidades do tempo presente - identidade que, em seus

---

<sup>3</sup> A categoria experiência, que coloca definitivamente a vivência dos atores históricos em cena traduz, por excelência, a forma como Thompson influenciou essa historiografia. Ver: Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 161, jul.-dez. 2004.

<sup>4</sup> O primeiro a ser entrevistado foi Caetano João de Farias Brito por indicação do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Este indicou o segundo entrevistado, Evaldo Cunha Ciríaco, que sucessivamente indicou Abdon Moura. Ressalta-se que prontamente todos aceitaram contribuir para esta pesquisa e assinaram a Carta de Cessão de Direitos sobre o Depoimento Oral para a Universidade Federal do Piauí, através do Núcleo de História Oral. As entrevistas, que foram gravadas, foram realizadas entre os dias 6 e 17 de fevereiro de 2014.

aspectos individuais, apresenta uma dimensão coletiva associada à integração do homem como sujeito do processo de construção da história.

*Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sistema de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si. (POLLAK, 1992: 204).*

É importante destacar que a memória possui um vínculo importante com técnica/metodologia da História Oral, recurso que permite vivenciar a experiência de diferentes grupos sociais num tempo presente. A História Oral é uma técnica/metodologia que permite a interpretação própria de acontecimentos, fazendo com que a pessoa entrevistada sinta-se parte do contexto em que está inserida. Desse modo, “entrevistas de História Oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.” (ALBERTI, 2004: 30)

Neste contexto, as experiências narradas pelos entrevistados possibilitam ao historiador aproximar-se do cotidiano dessas pessoas, porém, sem perder de vista que se trata de uma elaboração do entrevistado sobre sua própria experiência, marcada, portanto, por uma carga de subjetividade. Os relatos dos entrevistados, os quais frisaram sua participação ativa no processo de renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina, contribuíram para uma reflexão sobre os caminhos percorridos pelos sujeitos e/ou atores sociais que empreenderam aquelas lutas, bem como as expectativas que tinham. Isso por que as perspectivas dos comerciários da oposição não era somente conquistar a direção do sindicato, mas principalmente solucionar os problemas da categoria relacionados às precárias condições de trabalho e salariais existentes no comércio de Teresina.

No que se refere ao contexto nacional, a década de 1980, caracterizada pela abertura política, transição democrática e por uma conjuntura econômica de elevada inflação, pode ser considerada um período de ressurgimento, mobilização e de ascensão do movimento dos trabalhadores, reintroduzindo este importante ator na cena política nacional. Nesse período, o sindicalismo nacional acumulou vitórias organizativas importantes, reocupando o espaço político que havia sido ocupado pelos governos militares.

Assim, após um período de repressão e de enfraquecimento das organizações populares, o sindicalismo brasileiro, em conjunto com outros movimentos sociais, voltou à cena cobrando espaço para a representação dos interesses da classe trabalhadora. Diante desse

processo, destacou-se o “novo sindicalismo”, cujo modelo de estrutura sindical apresentou como proposta a ruptura com o modelo corporativista, tendo por base a autonomia sindical diante dos partidos e do Estado, uma organização voltada à base, a negociação coletiva livre e direta entre empregados e empregadores e o direito irrestrito a greve.

É importante mencionar que o movimento sindical intensificou o seu processo organizativo e de participação não só na arena da relação capital/trabalho, mas também no cenário político, com a legalização e crescimento de antigos e novos partidos, com destaque para a criação do Partido dos Trabalhadores (PT). No âmbito econômico, os sindicatos foram personagens importantes desse período em que a reconstrução democrática conviveu com a crise econômica, que, à medida que se foi agravando, adotaram estratégias de confrontação, caracterizada pela oposição sistemática às políticas governamentais, pela ênfase na mobilização de massas e pela ação grevista.<sup>5</sup>

Neste período, também ocorreu a formação das centrais sindicais: a CUT e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT). Por sua capacidade de mobilização, o sindicalismo cutista serviu de canal e estímulo para as inúmeras manifestações e greves que marcaram essa época.<sup>6</sup> A partir deste momento, começaram a se articular as chamadas oposições sindicais, que reunia militantes sindicais que estavam em oposição às diretorias consideradas pelegas<sup>7</sup>. Quanto à sua composição, era relativamente heterogênea, sendo a maioria ligada à igreja católica e a partidos políticos de esquerda.

No Piauí, a partir dos anos 1980, houve um aumento significativo do número de organizações de diferentes segmentos sociais, influenciados pelo movimento de rearticulação da sociedade civil em todo o País. De acordo com Antonio José Medeiros (1996), inicialmente, houve a ação de padres italianos que incentivaram a organização de diversas pastorais populares e de comunidades eclesiais de base na periferia teresinense. A partir daí,

---

<sup>5</sup> Esse ponto é destacado por Maria Hermínia Tavares de Almeida (1996) que, ao fazer um estudo sobre o sindicalismo brasileiro nos anos 1980, discorre sobre as respostas sindicais frente às políticas econômicas de estabilização de preços, bem como sobre as iniciativas de reforma da estrutura sindical corporativista, argumentando que nenhum destes dois objetivos foi atingido. Deste modo, o foco de estudo da autora incidu sobre as lideranças e suas estratégias em relação ao governo, aos empregadores e aos competidores do mundo sindical.

<sup>6</sup> Sobre o intenso movimento grevista no período, ver NORONHA, Eduardo. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 123-138.

<sup>7</sup> Dirigentes que estão à frente do sindicato e atuam em interesse próprio e do Estado em prejuízo dos interesses dos trabalhadores, agindo como amortecedor de atritos.

outras categorias como associações de moradores, entidades estudantis, núcleo dos partidos de esquerda e sindicatos se organizaram num clima de mobilização.

Os movimentos sociais, por sua vez, ganharam visibilidade no cenário urbano, conferindo um novo ritmo ao processo organizativo em Teresina. Nesse período, aconteceram as primeiras manifestações articuladas em torno dos problemas sociais comuns: transporte, educação, saúde e moradia. E, “quanto ao movimento sindical urbano, este precisou praticamente se refazer, visto que foi o movimento mais neutralizado durante o período autoritário” (MEDEIROS, 1996: 30).

Assim, identificados com a concepção de estrutura sindical “novo sindicalismo”, a organização dos trabalhadores urbanos no Piauí buscou a rearticulação com essa nova prática sindical para efeito de renovação de suas entidades. Diante dessa perspectiva de se fazer um novo tipo de sindicalismo que se propunha desatrelado do Estado e na busca do rompimento com as gestões sindicais tradicionais, surgiu na cidade de Teresina as primeiras iniciativas de oposição sindical.

No cenário sindical piauiense, ganharam expressão os comerciários de Teresina que, no início dos anos 1980, se articularam com o objetivo de romper com uma prática sindical passiva, marcada por lideranças consideradas pelegas que estiveram à frente do sindicato por quase 30 anos. Neste contexto, um grupo formado por trabalhadores empregados no comércio teresinense, alguns ligados a associações de bairro e pastorais da igreja católica, passou a contestar as péssimas condições de trabalho a que os trabalhadores comerciários eram submetidos. Eles começaram a se organizar com o objetivo inicial de obter o controle da direção do sindicato pela categoria e, no ano de 1982, articularam a formação de uma chapa de oposição para concorrer às eleições.

Ao longo das entrevistas, buscou-se saber como ocorreram as mobilizações dos comerciários que fizeram oposição à diretoria do sindicato, a fim de compreender as formas de atuação desses trabalhadores, sobretudo se suas atividades restringiam-se apenas às reuniões. Segundo o relato do entrevistado Abdon Moura, o movimento organizado pelos comerciários da oposição começou pequeno. Eles se reuniam em grupos de discussão nas suas próprias residências, praças, botecos e ruas do centro da cidade para discutir os problemas

vivenciados pela categoria <sup>8</sup>. A inércia da direção do sindicato e a insatisfação com as constantes irregularidades trabalhistas pelo patronato, sobretudo as extensas jornadas de trabalho, foram a princípio a motivação dos comerciários neste esforço de renovação da entidade.

Evaldo Ciríaco, que tomou a iniciativa em formar uma chapa de oposição à diretoria no intuito de concorrer às eleições, frisou a importância conferida às experiências lembradas, descrevendo os momentos iniciais de organização dos empregados no comércio de Teresina:

*[...] na realidade a formação foi por acaso. A gente no período de folga, na praça Rio Branco, antes de adentrar no segundo expediente, começava a conversar sobre aquele sistema de exploração. E em 1982, nós formamos um grupo de oposição... eram 7 ou 8 e vivíamos na clandestinidade, não podíamos aparecer senão éramos automaticamente demitidos. [...] Esse grupo se formou na realidade com um ideal, combater a exploração por que na realidade era descabida, o trabalhador não tinha direito a hora extra, o nosso salário era o menor de todos os outros Estados... era um ideário mesmo. A nossa campanha era ideológica do ponto de vista da sobrevivência do contraponto à exploração que era dada à classe (CIRIACO, 2014: 2).*

Conforme já foi mencionado, o objetivo não era somente tomar posse da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina, mas tornar o sindicato realmente representativo dos interesses gerais da categoria. Os comerciários da oposição traziam uma proposta inovadora para o movimento sindical piauiense, haja vista que almejavam renovar outras diretorias sindicais que se encontravam na mesma situação, como as dos motoristas, bancários e professores, bem como fundar outros sindicatos no Piauí.

Ao descrever como se deu o registro da chapa de oposição, Evaldo Ciríaco relatou as dificuldades que o grupo enfrentou para concorrer com a direção vigente:

*Em 1983, quando apresentamos a chapa, nós fomos expulsos do sindicato, pois o presidente na época, José Noronha Teixeira, não aceitou a nossa inscrição... ele foi a cada um dos patrões e exigiu que todos fossemos demitidos para que não pudéssemos registrar a chapa. O meu patrão, José Sady, me chamou e ele era presidente do sindicato patronal, não me ameaçou, mas pediu que eu fizesse uma escolha entre o emprego ou continuar na chapa de oposição... porque era muito perigoso, era coisa de subversivo, essa era a ideia que ele tinha na época... e, dois dias depois, eu não tinha muito tempo pra pensar, eu voltei com a carteira de trabalho no bolso e entreguei. Ele foi muito decente e não me demitiu... por incrível que pareça, embora fosse presidente do sindicato patronal, ele não me demitiu. Mas, alguns companheiros sofreram pressão e saíram da chapa de oposição para não perder o emprego (CIRIACO, 2014: 3).*

---

<sup>8</sup> Alguns nomes que compuseram a chapa de oposição comerciária foram, além de Abdon Moura, Evaldo Ciríaco, Antonio Gonçalves, Raimundo Nonato, Caetano Brito, Luís José, Ilmar Sousa e Ribamar. Eles buscaram fazer um trabalho de base nas lojas onde trabalhavam: Esplanada, Pernambucanas, Pintos Magazine e Riachuelo.

Sobre as dificuldades vivenciadas pelos comerciários para o registro da chapa, no seu relato Ciríaco destacou, além das constantes ameaças de demissão, o período curto de inscrição, as perseguições e os impedimentos de fazer o trabalho de base nas lojas, pois os integrantes da chapa de oposição somente podiam se mostrar nas vésperas das eleições.

No ano de 1984, os acontecimentos em torno da eleição no Sindicato dos Comerciários movimentaram a cidade teresinense e tiveram grande repercussão na imprensa local. Afinal, tratava-se de um dos maiores sindicatos do Estado e com grande influência sobre outros sindicatos. Ademais, era a possibilidade de acabar com um longo período de peleguismo que dominou a categoria comerciária por muitos anos.

Desta forma, duas chapas concorreram ao pleito: a Chapa 1, dirigida por José Noronha Teixeira e apoiada por membros da diretoria do sindicato, e a Chapa 2, formada pelo grupo de oposição representada pelo comerciário Evaldo Cunha Ciríaco. Este último contou com o apoio da assessoria sindical do Centro Piauiense de Ação Cultural (Cepac),<sup>9</sup> o qual contribuiu para o direcionamento das ações do grupo de oposição, com vistas à conquista da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina.

Através dessa assessoria, desenvolveu-se um trabalho de orientação da base e de sua aproximação com a categoria comerciária nos locais de trabalhos, através do uso de megafone, panfletos e boletins informativos. Além disso, o Cepac promoveu cursos de formação política e sindical, nos quais as discussões giravam em torno do sindicalismo brasileiro, da estrutura sindical, das eleições sindicais e da política nacional. Foram promovidos, ainda, cursos de administração e liderança sindical, cujo objetivo era capacitar os dirigentes da entidade para o entendimento da nova dimensão que os sindicalistas vinham atingindo, bem como atualizá-los quanto aos conhecimentos específicos da área sindical.

Cabe destacar que a imprensa local ficou atenta às discussões sobre as eleições, aos conflitos entre os dois lados e ao resultado, tendo em vista o processo sucessório da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Os acontecimentos em torno das eleições foram muitos veiculados na imprensa local na época, como é perceptível no jornal O Dia, de publicação de periodicidade fixa e pertencente a um dos grupos empresariais da capital. Neste

---

<sup>9</sup> O Cepac, formado pela reunião de militantes de movimentos sociais, contou com o apoio político e financeiro de organizações não governamentais de cooperação internacional e manteve um serviço de documentação, comunicação, assessoria jurídica, equipes de formação e assessoria nas áreas de sindicalismo rural, sindicalismo urbano e movimentos de periferia urbana. Ver: MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996.

jornal, de viés opinativo, constatou-se na pesquisa realizada que o tom das publicações mudava no decorrer do processo eleitoral, haja vista que eram publicadas matérias elogiando uma das chapas e, nos dias seguintes, criticando o mesmo grupo.

O espaço conquistado em alguns setores da mídia, que passou a noticiar todos os acontecimentos dessa mobilização, foi imprescindível neste cenário de renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina. A despeito disso, Ciriaco enfatizou:

*Nós tivemos um apoio muito forte e um espaço que poucos deram na época no Diário do Povo, não lembro se o nome já era Diário do Povo... e um dos jornalistas importantes foi Arimatea Azevedo e Zózimo Tavares. E, na TV, nós tínhamos a TV Timon, através do Toni Trindade e do Paulo Guimarães que abriram espaço. Eles foram importantes no momento que nos deram espaço para difundir nossas ideias e, também, do ponto de vista da divulgação mais ou menos isenta... enquanto os outros divulgavam um viés negativo do movimento sindical, como um movimento de baderna, comunista e bagunceiro, eles davam um viés mais jornalista. Quanto ao restante, nós éramos proibidos de nos manifestarmos, nos outros meios de comunicação. (CIRIACO, 2014: 6).*

Com o propósito de realizar uma campanha de conscientização junto aos empregados no comércio de Teresina, o grupo de oposição comprometia-se com um novo tipo de gestão voltado para os interesses da classe, de representação e de fiscalização das atividades desenvolvidas dentro do sindicato. Eles acusavam o então presidente, José Noronha Teixeira, de não convocar a classe comerciária para debater seus problemas e de fazer assembleias e acordos à revelia desta classe.

José Noronha Teixeira, por outro lado, durante a campanha eleitoral procurava reafirmar a todo instante o trabalho desempenhado no período em que esteve à frente do sindicato. Segundo ele, na época, “ao assumir a direção, em 1969, não tinha sequer máquina de escrever, quando hoje tem um patrimônio avaliado em Cr\$ 60 milhões. Além disso, o sindicato é uma entidade administrativamente equilibrada.” (O DIA, 1984: 5). E numa clara alusão ao candidato de oposição, fazia alertas às autoridades do governo para que tivesse cuidado com o envolvimento cada vez crescente de partidos políticos de oposição e de movimentos de esquerda nos sindicatos, pois temia que a articulação da luta sindical com o aval das entidades de esquerda levasse o País a um novo 1964.

Como se vê, naquele momento tornou-se conveniente ao candidato à reeleição da direção do sindicato o uso do discurso de uma suposta manobra da chapa de oposição com interesses político-partidários colocando-se acima dos interesses da categoria comerciária. Do outro lado, a oposição continuava a fazer críticas incisivas contra a ação descomprometida do

seu adversário com os interesses da categoria. Embora não houvesse declarações explícitas da chapa de oposição nos jornais afirmando-se como integrantes de partidos políticos de esquerda ou partidários da CUT, sabe-se que posteriormente alguns participantes e apoiadores desta chapa se destacaram no cenário político piauiense.

Em abril de 1984, em um informativo distribuído à imprensa local, a chapa de oposição do Sindicato dos Comerciários desafiou o presidente da entidade para um debate com a participação da categoria. No informativo, os integrantes da chapa formularam inúmeras denúncias contra a direção do sindicato afirmando, por exemplo, que o presidente usou o cargo da direção para aumentar o tempo de serviço e conseguir aposentadoria. Ademais, levantou-se suspeita sobre o destino dos recursos que a entidade comerciária recebia de órgãos oficiais, indagando quais tipos de benefícios a aplicação dos valores recebidos resultou para a classe.

Na plataforma de lutas da Chapa 2, divulgada no jornal O Dia no ano de 1984, Ciríaco propôs questões como “colocar o sindicato a serviço da classe” e “lutar pela garantia de emprego”. Havia também tópicos como “fazer uma vasta campanha pela sindicalização”. No plano sindical, as propostas para a categoria comerciária eram de um salário mais justo, pagamento das horas extras, segurança para a empregada no comércio, fiscalizar as demissões e folga no Dia do Comerciário.

“Somos mais de vinte mil pessoas e apenas uns seis mil estão filiados e desses apenas uma minoria está quites e sequer participa. E nem mesmo assembleias gerais são convocadas por Noronha.” (O DIA, 1984: 6). Com essa afirmação, Evaldo Ciríaco enfatizava que a formação de sua chapa visava garantir a participação da categoria nas decisões tomadas pela direção do sindicato. Outra acusação era em relação ao assistencialismo sindical praticado pelo candidato da situação, de que os benefícios de assistência médica, odontológica e jurídica não eram estendidos para toda a categoria, mas usufruídos somente por uma minoria privilegiada.

José Noronha Teixeira, ao rebater as críticas feitas pelo candidato de oposição, destacava o tempo que fazia política sindical e que, ao assumir a presidência da entidade em 1969, o sindicato estava abandonado e contava com apenas 69 sócios, enquanto que em 1984 já contava com mais de seis mil. “Não tinha, sequer, uma sede. Hoje conta com um prédio

moderno, construído com recursos próprios”, afirmava. (O DIA, 1984: 5). Ele se referia à oposição como “falsos profetas de última hora” e “elementos estranhos à classe.”

À medida que se aproximava o pleito eleitoral, o grau de conflitos atingiu um acirramento tal que acarretou em mais denúncias e acusações mútuas entre os dois candidatos. Em notícia publicada no jornal O Dia, em maio de 1984, foi divulgado que, em assembleia, o dirigente do sindicato fez a prestação de contas referente ao ano de 1983 e que os balancetes haviam sido aprovados com unanimidade.

*José Noronha Teixeira, o presidente e candidato à reeleição, segundo levantamento feito por repórteres de O Dia, em diversos estabelecimentos comerciais de Teresina, conta com a simpatia da grande maioria da classe, devendo ser reconduzido à presidência da entidade para um novo mandato de três anos. Segundo a maioria dos comerciários entrevistados, o sindicato passou a existir depois da administração de Teixeira. Alguns citam, inclusive, ser o Sindicato dos Comerciários um dos únicos do Piauí a possuir sede própria, graças ao trabalho desenvolvido pela atual diretoria. Além disso, há uma efetiva prestação de serviços aos associados. (O DIA, 1984: 6).*

É importante destacar que a chapa de oposição contou com a aprovação de alguns membros do parlamento piauiense. Os deputados Paulo dos Santos Rocha e Tomaz Teixeira, ambos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tornaram público o seu apoio a Evaldo Ciríaco para a renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina. O primeiro considerava oportuno o momento da mudança, alegando que Noronha dirigia a entidade havia muito tempo e que procurava debater os problemas da classe somente depois de ouvir a classe patronal.

Por seu turno, o deputado Tomaz Teixeira<sup>10</sup> acusou o presidente de ser comprometido com o governo e patrões e de receber o apoio da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Ele manifestou sua insatisfação com José Noronha Teixeira, ao lembrar uma campanha feita por este contra um projeto de lei de sua autoria, propondo a ampliação do horário do comércio. Tomaz Teixeira alegava que havia sido mal interpretado, pois a proposta tinha como objetivo principal possibilitar mais empregos e não que os empregados trabalhassem mais e ganhassem menos.

Nas eleições realizadas no dia 28 de maio de 1984, a chapa encabeçada por José Noronha Teixeira saiu vitoriosa com 442 votos contra 394 votos dados a Evaldo Ciríaco. Dessa forma, Ciríaco decidiu entrar com um recurso na DRT a fim de que fossem realizadas

---

<sup>10</sup> Conforme o relato de Evaldo Ciríaco (2014), o deputado Tomaz Teixeira foi importante também pelo fato de ser um dos poucos jornalistas que tinha voz em Teresina. Então, ele disponibilizou espaço no rádio ao grupo de oposição.

novas eleições, alegando que a chapa vencedora não havia conseguido a maioria absoluta determinada pelo estatuto da entidade.

*Na época, as eleições sindicais eram controladas pela Delegacia Regional do Trabalho e, no Piauí, o delegado regional chamava-se Pedro Lemos, que era mão de ferro, controlava o sindicato urbano e rural e se dele fosse, né? E o Ministério do Trabalho e a Delegacia Regional eram quem promovia as eleições, indicava os mesários, proclamava os eleitos... na nossa época, o delegado não proclamou a gente eleito porque não queria que o Noronha fosse destronado... porque os comerciários eram referência do sindicalismo urbano e rural no Piauí, por ser a maior categoria profissional. Então, viemos a receber o Sindicato dos Comerciários somente um ano após as eleições. (CIRIACO, 2014: 7).*

Na ocasião, o deputado Tomaz Teixeira voltou a tecer várias críticas às eleições do sindicato que deu vitória à Chapa 1, afirmando que o processo foi marcado por fraudes e abuso de poder. O parlamentar também criticou a DRT, que havia legitimado o pleito.

*O deputado disse que mesmo sendo uma eleição sindical, o pleito foi coberto pelos mesmos vícios de outras eleições no Piauí, onde a pressão tomou conta dos associados, chegando ao ponto de uma grande loja da cidade realizar o pleito às portas fechadas, com uma urna colocada à disposição dos empregados e com a ameaça dos diretores de demitir em massa, caso os empregados não votassem em José Noronha. Disse o parlamentar que a eleição teve o seu resultado contestado na justiça porque existiam 1.144 sócios quites e com direito a voto, tendo comparecido ao pleito apenas 879. (O DIA, 1984: 3).*

Diante da atitude da DRT local, a oposição movimentou-se contra o resultado das eleições e recorreu à instância federal. Com efeito, a justiça decretou a nulidade da votação e enviou o processo para o Tribunal Federal de Recursos para julgamento, autorizando novas eleições. Em uma nota intitulada “Comerciários elegerão nova diretoria”, em outubro de 1984, O Dia noticiou que o candidato Evaldo Ciríaco esteve na redação do jornal para falar sobre a anulação das eleições no sindicato e que conseguiu marcar outra para o dia 18 de outubro de 1984. Na ocasião, o candidato mostrou-se otimista e aproveitou para pedir votos e criticar o adversário.

De acordo com o depoimento de Evaldo Ciríaco, a chapa de oposição saiu vitoriosa no segundo pleito por uma diferença de sete votos. Todavia, embora eleita, terminou por não tomar posse da diretoria do sindicato. Isso porque José Noronha Teixeira entrou com um recurso e o Tribunal Federal de Recursos concedeu liminar suspendendo a ação da segunda eleição. A liminar impedia, assim, a posse da chapa de oposição, já que o resultado da primeira eleição voltou a ser julgado após o encaminhamento feito a Brasília.

O relato de outro depoente, o comerciante Caetano João de Farias Brito, que também integrou a chapa de oposição demonstrou o clima de animosidade que marcou as eleições no sindicato:

*Nós ganhamos essa eleição, mas houve muita briga... chegou ao ponto da gente ver armas no birô do presidente da época para amedrontar os companheiros. A rua do sindicato, a David Caldas, ficou contaminada por policiais, que achavam que nós éramos comunistas e subversivos... foi uma conquista com muita luta, mas valeu a pena.(BRITO, 2014: 6).*

Diante do impasse, os integrantes da oposição contaram novamente com o apoio de alguns representantes políticos. Evaldo Ciríaco destacou que

*[...] o professor Wall Ferraz foi fundamental para a nossa campanha na época... ele tinha ojeriza ao peleguismo que era incrustado no movimento sindical teresinense. E foi importantíssimo, quando da dificuldade do processo em Brasília, para que a gente pudesse receber o sindicato definitivamente. Ele, deputado federal, e o senador Chagas Rodrigues financiaram a passagem para que eu pudesse acompanhar o processo lá em Brasília... o Sr. Chagas Rodrigues disponibilizou o escritório de advocacia de uma família tradicional e nos acompanhou de forma gratuita... foram pessoas importantíssimas e não nos cobraram nenhuma obediência em relação a isso.(CIRÍACO, 2014: 10).*

Ainda, de acordo com os relatos dos entrevistados Caetano Brito e Abdon Moura, outros nomes importantes da política piauiense que ajudaram ao grupo de oposição foram Deusdeth Nunes e o professor Olympio de Castro, inclusive, na confecção de panfletos e em ligações telefônicas para Brasília.

Portanto, somente cinco meses após as eleições a situação foi resolvida e o Tribunal Federal de Recursos expediu mandado de cumprimento da posse de Evaldo Ciríaco. Após a decisão, o jornal O Dia lançou uma nota irônica intitulada “Perdendo o emprego”.

*Decididamente, os ventos da Nova República começaram a soprar antes de ser instalado o novo sistema. Pior quem está sendo levado pelos redemoinhos da democracia, principalmente aqueles que se acostumaram com a brisa suave do autocracismo. Depois de 15 anos de verdadeira “maré manda” o Sr. José Noronha Teixeira foi catapultado da direção do Sindicato dos Comerciantes de Teresina. Perdeu o emprego, ontem, assoprado por uma decisão do Tribunal Federal de Recursos. (O DIA, 1985: 1).*

No ano de 1985, os comerciantes da oposição tomaram posse da direção do Sindicato dos Comerciantes de Teresina. Um dos pontos marcantes do processo de renovação do sindicato foi a aglutinação com os demais movimentos sociais que foram se articulando na cidade teresinense. Para Antônio José Medeiros,

*estratégica para uma virada sindical urbana do Piauí foi a renovação do Sindicato dos Comerciantes. Pilar da estrutura sindical tradicional, pela liderança que sua diretoria exercia sobre praticamente todo o movimento sindical urbano piauiense, sua mudança de rumo foi decisiva, com repercussões em outros sindicatos e na consolidação da CUT no Piauí. [...] Por sua capacidade de intervenção e por sua*

*articulação nacional, a nova orientação desse sindicato em muito fortaleceu o processo de afirmação dos sindicatos como interlocutores representativos e legítimos, ante os empregadores, o governo e a sociedade. Bancários, comerciários, servidores e empregados do setor público e trabalhadores são hoje a base da CUT. (MEDEIROS, 1996: 122).*

Cabe mencionar que, um ano após a posse da nova direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina, o ex-presidente José Teixeira Noronha foi condenado pela 3ª Vara Criminal a pagar multa por crime de emprego irregular de verbas públicas. Ele foi levado à justiça pelo presidente do sindicato, Evaldo Cunha Ciríaco, que, ao tomar posse, encontrou várias irregularidades, em virtude de o ex-presidente não ter prestado contas de verbas recebidas para serem empregadas em benefício dos comerciários.

A partir da segunda eleição que deu vitória à chapa de oposição, abriu-se um período de maior movimentação no Sindicato dos Comerciários de Teresina, bem como de um trabalho de sindicalização voltado para os interesses da categoria. A diretoria eleita procurou estabelecer um novo ritmo de organização política e sindical, adotando como práticas a realização de assembleias fora da sede do sindicato, contatos com a categoria no seu local de trabalho e o planejamento de outras ações: campanhas salariais, acordos e convenções coletivas de trabalho e campanhas de sindicalização.

Convém mencionar que, nesse período, o Sindicato dos Comerciários de Teresina desempenhou papel central em atividades políticas, como as greves específicas da categoria e greves gerais organizadas pelas entidades sindicais. Nesse sentido, uma das importantes contribuições foi o fato de Evaldo Ciríaco ter assumido, simultaneamente, o cargo de direção do sindicato e da CUT piauiense.<sup>11</sup>

*Para nós, não houve afastamento da luta sindical na época em que o Evaldo Ciríaco esteve à frente das duas entidades... foi uma sequência, não teve uma separação, ajudou muito porque a gente era visto como referência, a nível regional e nacional. A partir daí, nós fizemos três greves: a primeira greve foi a do Sesc, que a gente lutava pela melhoria na alimentação e do preço da refeição, depois teve a greve do sindicato a nível municipal, onde paralisamos geral o comércio, e a terceira greve que o comerciário participou, que eu me lembro, foi a greve geral nacional convocado pela CUT. (BRITO, 2014: 8).*

Pode-se depreender, através da fala do entrevistado João Caetano de Farias Brito, que outras lideranças sindicais reconheceram esse potencial do processo de renovação dos comerciários e a sua contribuição na estruturação da CUT no Piauí. Os comerciários de

---

<sup>11</sup> Evaldo Ciríaco assumiu o cargo de presidente do Sindicato dos Comerciários de Teresina e da CUT no Piauí, por duas vezes consecutivas, compreendendo as gestões 1986-1988 e 1988-1991. (CIRÍACO, 2014).

Teresina filiaram-se a esta central no ano de 1986 e tiveram participação expressiva nos seus quadros diretivos, fato este que contribuiu para a consolidação da entidade sindical no Estado.

Por fim, o estudo aponta as formas diversas de lutas, limites e, por conseguinte, as experiências de mobilização dos trabalhadores comerciários de Teresina no início dos anos 1980. Com efeito, a renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina significou um marco histórico não somente na trajetória da categoria comerciária, mas também para o sindicalismo de trabalhadores urbanos na realidade piauiense. Isso por que os comerciários de Teresina desenvolveram um forte trabalho de renovação das diretorias de outros sindicatos, impulsionando a criação de novos sindicatos dentro e fora do Piauí, como os da construção civil, dos mecânicos, dos gráficos, dos jornalistas e dos bancários.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Crise econômica e interesses organizados: o sindicalismo no Brasil dos anos 80*. São Paulo: Edusp, 1996.

ANULADA eleição sindical. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.841, p. 3, 03 out. 1984.

BRITO, Caetano João de Farias. *Caetano João de Farias Brito: depoimento*. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

CIRIACO, Evaldo Cunha. *Evaldo Cunha Ciriaco: depoimento*. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

COMERCIÁRIOS elegerão nova diretoria. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.851, p. 6, 16 out. 1984.

COMERCIÁRIOS marcam debate para esta noite. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.723, p. 6, 11 maio 1984.

COMERCIÁRIOS têm apoio de deputados em nova eleição *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.726, p. 3, 15 maio 1984.

DIRETORIA eleita do SEC não toma posse. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.861, p. 5, 27 out. 1984.

ELEIÇÕES: Noronha mostra o que fez e alerta os comerciários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.721, p. 5, 09 maio 1984.

GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 161, jul.-dez. 2004).

JUSTIÇA condena sindicalista que desviou recurso. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.101, p. 7, 1º/2 maio 1986.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina, Halley, 2003.

MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. Olhares da periferia: os migrantes na construção de Teresina na década de 1970. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.1,n.2,p.122-144,jul.-dez.2009.

NORONHA, Eduardo. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 123-138.

OPOSIÇÃO quer debate público em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.701, p. 5, 11 abr. 1984.

OPOSIÇÃO quer vencer eleição em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.686, p. 5, 24 mar. 1984.

PERDENDO o emprego. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.973, p. 1, 07 mar. 1985.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

RODRIGUES, Leôncio Martins. As tendências políticas na formação das centrais sindicais. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 12-42.

SANTANA, Marco Aurélio. O mundo do trabalho em mutação: memórias, identidades e ações coletivas. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Teresinha (Org.). *O mundo dos trabalhadores e seus arquivos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2010. p. 44.

SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b. p. 283-313.

TEIXEIRA presta contas em assembleia. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.736, p. 6, 26 maio 1984.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 1, p. 15.